

# Legistas trazem solução de casa

Vidros vazios de maionese ou de café solúvel ou até mesmo garrafas plásticas descartáveis estão sendo utilizados no Instituto Médico Legal para guardar vísceras, sangue e urina. A improvisação dos médicos legistas assegura a realização das necropsias e dos exames, uma vez que o órgão não dispõe de frascos suficientes e apropriados para a finalidade. “Os poucos que temos são de boca muito estreita, dificultando e inviabilizando a sua utilização em alguns casos”, lamentou Abelardo de Oliveira Brito, diretor do IML.

A médica legista, Maria Leonor Kuhn disse que os 27 legistas não jogam fora nenhum vidro em casa. “Recolhemos tudo o que é possível, lavamos bem, fervemos e trazemos para o IML para usarmos nos exames”, explicou. Leonor destaca que esta improvisação começou antes de a crise financeira se agravar no setor de segurança. “As dificuldades enfrentadas para conseguirmos fazer um bom trabalho são antigas”, relatou.

Até mesmo as vísceras utilizadas nas aulas que os legistas ministram para estudantes dos cursos de Medicina e Direito da UnB ou de Direito das faculdades particulares são apresentadas em vasilhas impro-

visadas. “Para a coisa não ficar muito feia fiz uma adaptação dos cascos plásticos de refrigerante”, contou Abelardo Brito.

Brito admite que nem todos os exames são completos. Os de toxicologia, por exemplo, vão apenas com a avaliação clínica. “Não temos como fazer o exame laboratorial para saber se existe vestígio e droga no organismo da pessoa”, lamentou o diretor do IML. Brito explicou que isso prejudica o trabalho da própria polícia, pois no exame clínico só é possível dizer se a pessoa faz o uso de drogas poucas horas após sua utilização. A maconha, por exemplo, pode ser detectada no organismo, através de exame de sangue ou urina, até um mês após o seu uso.

Segundo o diretor do IML, como os laudos saem com a observação “o exame laboratorial não foi feito por falta de material”, as delegacias têm até reduzido a solicitação. “Como a crise do IML é antiga e vem se agravando gradativamente, posso citar que em 1990 fizemos 422 exames toxicológicos e em 1991 o número caiu para 272”. Ele disse que a estatística de 1992 ainda não foi fechada, “mais deve ter sido em torno de 300 exames”.

( V . R . )